

Montpellier, 20 de junho de 2022

À Direção-Geral das Artes DGARTES, Programa de Apoio Sustentado

Exmos. Senhores,

Conheci o c.e.m em 2012, em uma aula de história da dança na graduação em Comunicação das Artes do Corpo, na Universidade PUC/ São Paulo, disciplina na época ministrada por Christine Greiner. Nessa aula ela falava sobre o panorama geral da dança portuguesa, dedicando uma boa parte do tempo à singularidade do trabalho do c.e.m naquele contexto, especificamente às práticas do Festival Pedras.

Iniciei um mergulho no trabalho do c.e.m no ano seguinte, na F.I.A (Formação Intensiva Acompanhada), e dei continuidade à investigação que se abriu ali durante os dois anos seguintes. Desde então, fui encontrando maneiras de voltar ao c.e.m, seja para aprofundar meus estudos, ou para colaborar em projetos específicos, por períodos que têm durado de um a seis meses fisicamente e, virtualmente, por tempos indeterminados e não tangíveis. Uma parte desse percurso foi apoiado pelo Ministério da Cultura do Brasil, com o Edital de Intercâmbio nº 1/2015.

Esse processo incansável de idas e vindas há quase dez anos se dá por alguns motivos:

O c.e.m se implica no acompanhamento dos artistas que ali atravessam e na continuidade de suas investigações com um rigor e atenção muito específicos. Há um modo de lidar com a experiência de aprender e de significar o saber que acontece em rede, *intergalaticamente*, para além do seu espaço físico. Assim, as linhas de pesquisa que o c.e.m alimenta se expandem exponencialmente, têm continuidade por uma vida inteira, e não apenas pelo período de uma formação ou de um projeto.

A maneira muito singular como o c.e.m desenvolve as práticas de *documentação* me abre caminhos de investigação inesgotáveis. Perceber o corpo e a dança pela perspectiva da documentação, ou perceber a documentação como um estado do corpo, tem sido uma espécie de chão para todas as minhas criações.

É uma documentação que trabalha não a partir do que ficou de um acontecimento, mas a partir de um deslocamento do próprio acontecimento, e dos indícios que esse movimento de deslocar gera. Isso faz aparecer aspectos que até então não conhecíamos do próprio acontecimento. Por isso o c.e.m insiste que criação e documentação não estão dissociadas. Esses processos geram um compartilhamento generoso de documentos-criações disponíveis em diversas materialidades, que vocês provavelmente já devem conhecer.

No meu caso, além das criações em dança, essa investigação se desdobrou também no meio acadêmico. No fim de 2017, o texto *Corpo-documentação (título em movimento)*

foi meu projeto de conclusão na PUC/ São Paulo e, em 2021, com *Cinéma Catastrophe: une documentation fictionnelle, une carte, un indice inachevé de Faux départ* finalizei o mestrado em coreografia e performance *master exerce* no ICI—CCN Centro Coreográfico Nacional de Montpellier em parceria com a Universidade Paul-Valéry Montpellier 3, como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian.

Acho curioso que o trabalho do c.e.m seja mais reconhecido fora de Portugal do que no próprio país onde atua. Ou que os projetos e ideias que ele inaugura, sejam identificados com um delay de alguns anos.

Sinto que isso acontece porque o c.e.m está presente nas entranhas da cidade de Lisboa, na potencialidade das brechas quase invisíveis. É um trabalho profundamente implicado nas dimensões políticas, sociais e filosóficas hoje, na urgência do *agora*. E o *agora* é um lugar tão radicalmente pulsante e desconhecido que acaba por ter quase uma dimensão de futuro. Trabalhar nessa dimensão de futuro tem a ver com uma espécie de arremesso à distância, uma tentativa de desobstruir a criação dos modos predeterminados de fazer, assumindo todos os riscos que isso implica. Justamente por isso o c.e.m escolhe fugir das demandas mercadológicas da dança desde os anos noventa. É um trabalho que afeta diretamente o corpo de quem o atravessa, da comunidade, das *peças e lugares* onde atua.

Tenho trabalhado com instituições diversas entre França, Brasil e Portugal. Em cada uma delas tenho tido a sorte de encontrar pessoas muito especiais, que me ensinam coisas importantes que me possibilitam a continuidade do trabalho. Mas há encontros que mudam nosso rumo profundamente porque *criam corpo*, é o caso do c.e.m.

Posso dizer que esse organismo vivo que é o c.e.m é a minha referência em *investigação artística* onde quer que eu vá. Um lugar necessário onde voltar para continuar a manter vivas as perguntas de criação. Justamente porque não se trata de um lugar fixo, ele continua a se mover e a avançar, e cada volta é sempre uma viagem inesperada e vertiginosa. Essa é a base da criação, por isso me parece essencial que um lugar tão vivo, desassossegado e resistente como o c.e.m continue a existir.

Atenciosamente,

*Mariana de Assis Viana*

Mariana Viana

Coreógrafa e performer, entre outras coisas

<https://cargocollective.com/marianaviana>

[marianavianabr@gmail.com](mailto:marianavianabr@gmail.com)

+ 33 7 51 90 03 56